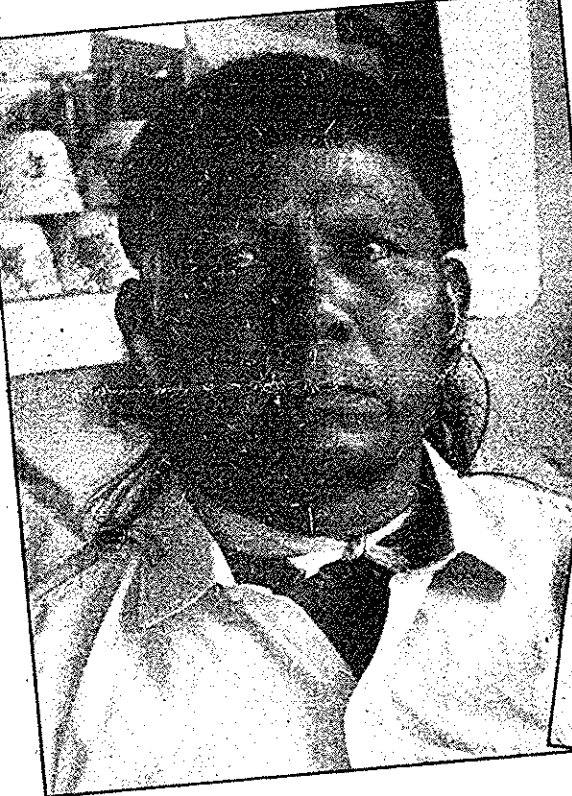


ENCONTRO ECOLÓGICO E MUSICAL (IV)



Cacique Aniceto: "Os brancos só procuram encrencas, só querem acabar com as matas, com os bichos, sujar os rios..."

Raimundo: "Branco tá atrasado ecologicamente"

O cacique Aniceto e o índio Raimundo Urêbê (de costas e com tonsura na cabeça) se reuniram com representantes de órgãos e entidades que promoveram o I Encontro Ecológico e Musical do Vale do Araguaia.

Lágrimas indígenas

José Sebastião Pinheiro

Durante os debates ecológicos do I Encontro Eco-Musical do Vale do Araguaia, realizado em Aragaças/Barra do Garças, muito se falou dos problemas indígenas, mas sem maiores aprofundamentos nas questões que cercam o nosso índio. Foi, no entanto, em um encontro reservado entre representantes da comunidade indígena e elementos da Associação Matogrossense de Ecologia, Centro Etno-Ecológico do Vale do Araguaia (Celva), Funai e Secretaria de Educação e Cultura do Mato Grosso que o assunto foi tratado de maneira mais direta e prática.

Inicialmente, o tema seria tratado no painel **Preservação Cultural e Ambiental — Questão Indígena**, marcado para acontecer no domingo à tarde, quando os índios Raimundo Urêbê, Paulo Bororó e Daniel Cabixi iriam fazer a palestra. Achando, porém, que a Praia da Ilha não oferecia, àquelas alturas, clima para que tão importantes assuntos fossem tratados, a coordenação do Encontro acabou por acatar a ideia de se reunir em outro local e sem a participação do público.

O local escolhido foi uma pensão em Barra do Garças, onde os índios estavam hospedados. O cacique Aniceto e Raimundo Urêbê, da Aldeia Xavante de São Marcos, fizeram perguntas aos organizadores do Encontro, responderam outras e até fizeram ameaças aos fazendeiros da região em determinado momento da conversa. Aniceto, com gravador empunhado, gravava tudo que falava. A prática do Juruna se alastrou, pelo visto.

O tema principal era a relação entre índios e brancos e os efeitos práticos do Encontro Ecológico e Musical do Vale do Araguaia. Com semblante carregado e registrando a sua própria fala no gravador, Aniceto discorreu sobre os problemas que vêm afligindo seu povo. Para ele, "os brancos só procuram encrencas, só querem acabar com as matas, com os bichos, sujar os rios, ao passo que os índios só matam bichos para comer".

"Os venenos jogados por avião, por helicóptero, é trabalho do branco. O que vamos fazer? Autoridade só quer dinheiro e não faz nada", disse, antes de ser abordado por uma representante da Secretaria de Educação e Cultura do Mato Grosso, que apontava a sugestão de se trabalhar a nível de escola para que a mentalidade com relação ao índio seja mudada. A questão dos pedes foi levantada na reunião, principalmente pela falta de identidade — como disse um

dos presentes — que ele tem. Foi quando Teodoro Irigaray, da Associação Matogrossense de Ecologia colocou a questão de como encaminhar um documento com as reivindicações e que tipo de desenvolvimento seria o ideal para a região. Aniceto conversa com Raimundo em sua língua original e depois de volta para o resto dos presentes e pergunta sobre o documento do Encontro, dizendo que antes de falar — como havia pedido Teodoro — iria ouvir primeiro. Disse que a situação tá difícil e que pobre não pode viver do jeito que as coisas estão.

Ao dizer que o documento do Encontro seria encaminhado às autoridades via deputado federal Fábio Feldman ("Que nos representa na Constituinte"), Teodoro não esperava ouvir o aparte do cacique Aniceto: "Já mandamos um documento para as autoridades em abril e nada foi feito", disse muito sério. Ele se referia a uma proposta para alterações da Lei nº 6.001, o Estatuto do Índio, apresentada pelas lideranças Xavantes, Bororo, Bakairi e Canoeiros, com subsídio para os constituintes.

A proposta foi firmada no dia 26 de março deste ano, depois de quinze dias de muita conversa, reflexão e discussões entre as lideranças. (em um total de 41 pessoas, entre caciques e representantes). No documento, muitas propostas visando a nova Constituição, como o item III do Art. 198 do Estatuto do Índio, que diz: "O Poder Executivo fará no prazo de seis anos, a demarcação das Terras Indígenas. Esgotado este prazo, as comunidades indígenas, utilizando os meios que se fizerem necessários, promoverão a demarcação de suas terras".

No item IV, a proposta é de que "a União promoverá o reassentamento em condições dignas e justas, dos posseiros pobres que se encontram em terras indígenas, em processo de demarcação", ao passo que no item V "a União reconhecerá e respeitará as organizações sociais e culturais, bem como as tradições dos povos indígenas, com seus projetos de futuro e lhes garantirá a plena cidadania, assegurando-lhes a legitimidade para defenderem seus direitos e interesses e a participação na vida do País".

Mas a proposta é mais ampla e bem detalhada, com capítulos que tratam Dos Princípios e Definições, Dos Direitos Civis e Políticos, Dos Princípios, Da Assistência ou Tutela, Do Registro Civil, Das Condições de Trabalho, Das Terras dos Índios, Das Disposições Gerais, Das Terras Ocupadas, Das



Se na Praia da Ilha a convivência entre branco e índio se mostrava pacífica, no dia-a-dia a coisa está bem mais difícil

Áreas Reservadas, Das Terras de Domínio Indígena, Dos Bens e Renda do Patrimônio Indígena, Da Educação, Cultura e Saúde, Das Normas Gerais, Dos Crimes Contra os Índios e das Disposições Gerais.

Para Aniceto, era impossível "contar toda a nossa história". Mas garantiu que os índios não têm alegria, só tristeza: "Branco toma tudo. Tinhamos cabeceiras dos rios, córregos, matas e hoje não temos nada", lamentou. Raimundo, mais minucioso, disse: "Antigamente só existia mata, bicho e índio. Branco tá atrasado ecologicamente. Branco, Governo tá acabando com tudo. Os ricos, os estrangeiros exploram tudo que tem aqui. O Governo é que tá atrapalhando a comunidade brasileira e não os índios. A gente não tá pagando imposto de renda, mas não tem nada a ver com isso o índio".

E continuou Raimundo, com seu comovido depoimento: "Dizem que índio não tem inteligência, não tem futuro, mas a gente tá vendo essa jogada da

política, do Governo que tá acabando com a riqueza do Brasil. No lugar do progresso do Brasil, tá acontecendo é o progresso de fora. Governo quer tudo: dinheiro, renda dos fazendeiros... Governo devia dinheiro para fazer vinte fazendas para os filhos. Como alcançar o que queremos?", pergunta.

Raimundo parecia inflamado, emocionado, sentido: "Reivindicação tá muito difícil. Não tem brasileiro lutando, é tudo estrangeiro. É duro, é ruim, não tá fácil. A gente tem de falar de índio. Muitos enganaram os índios. Tem índio fazendo o Quartel (Serviço Militar) e muitos brancos dizem que os índios são bichos. Selvagens, somos todos, índio tem cabeça, se defende, briga, guerrea. A briga de índio hoje não é de tiro, não é de flexa. Gente que não tem amor é que chama índios e outros de bichos. Não adianta ter um grau de estudo e não ter capacidade de ver isso".

Raimundo estava mesmo com sede de falar, de desabafar e ainda falou mais: "Amo todo mundo. Tribo

xavante é assim. Somos ruins com quem é ruim com a gente. Se acontecer um tiro de fazendeiro, não vai sobrar nenhum. Morre tudo, mulher, filho, tudo. A cerca contra desmatamento, fechamos a estrada não por maldade, mas para chamar a atenção do Governo". Os representantes das entidades e órgãos envolvidos na promoção do I Encontro Ecológico e Musical do Vale do Araguaia estavam mesmo impressionados com os depoimentos de Aniceto e Raimundo, que ainda trataram de outros assuntos a eles ligados, bem como ao meio ambiente de uma forma geral.

"Foi, talvez, um dos mais importantes debates — em que pese a não participação do público que acompanhou as outras reuniões (na Cachoeira e na Praia da Ilha) —. Ficou patente que também naquela região os índios enfrentam os mesmos problemas constatados nos quatro cantos do Brasil, cujas soluções certamente ainda vão demorar, principalmente se a nova Constituição ficar como muitos temem: conservadora.



90 horas de pintura contemporânea

ATENÇÃO

As inscrições já estão abertas na Sede do Jornal de Brasília, SIG-Trecho 01, Lotes 585/564 Brasília-DF, das 10 às 12 e das 15 às 18 horas.

- I — Os candidatos deverão apresentar um dossiê contendo:
 1. Um curriculum vitae com destaque de suas experiências artísticas;
 2. Uma foto preto e branco formato passaporte.
 3. Um projeto detalhado da obra que o (a) artista se propuser realizar durante as 90 horas (definição precisa, dimensões e peso do material utilizado, ferramentas, croquis, espaço mínimo necessário à sua realização, equipamento especial, necessidade de eletricidade, etc...) e fazer com que seja entregue até às 18 horas do dia 7 de agosto de 1987, na sede do Jornal de Brasília à comissão Organizadora do evento "90 HORAS DE PINTURA CONTEMPORÂNEA";
- II — Um comitê de seleção classificará, através do dossiê, os 20 artistas participantes e candidatos à premiação.
- III — Após o encerramento do evento no ParkShopping de Brasília, a Galeria de Arte do Jornal de Brasília apresentará, de 2 a 20 de setembro, os trabalhos realizados durante as 90 horas e selecionados pela comissão.

Apoio Cultural: Jornal de Brasília
Co-patrocínio: Rádio Jornal de Brasília, TV Globo e ParkShopping de Brasília.

Inauguração:
3ª-feira, 25-8-87, às 13 horas.

Encerramento:
Sábado, 29-8-87 às 14 horas

Local:
ParkShopping de Brasília